

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Os Cinemões do Centro de Fortaleza (CE): Uma Leitura Sobre as Dissidências Sexuais e de Gênero na Produção do Espaço Urbano

*Los Cines Eróticos del Centro de Fortaleza (CE): Una
Perspectiva Sobre las Disidencias Sexuales y de
Género en la Producción del Espacio Urbano*

*The Porn Cinemas of Downtown Fortaleza (CE): A
Perspective on Sex and Gender Dissidences in the
Production of Urban Space*

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos
Universidade Estadual do Ceará – Brasil
anapaula.nvasconcelos@gmail.com

Gabriel Augusto Coêlho de Santana
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil
gabriel.coelho@ufpe.br

Como citar este artigo:

VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento;
SANTANA, Gabriel Augusto Coêlho de. Os
Cinemões do Centro de Fortaleza (CE): Uma Leitura
Sobre as Dissidências Sexuais e de Gênero na
Produção do Espaço Urbano. **Revista Latino
Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 03-
27, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Os Cinemões do Centro de Fortaleza (CE): Uma Leitura Sobre as Dissidências Sexuais e de Gênero na Produção do Espaço Urbano

Los Cines Eróticos del Centro de Fortaleza (CE): Una Perspectiva Sobre las Disidencias Sexuales y de Género en la Producción del Espacio Urbano

The Porn Cinemas of Downtown Fortaleza (CE): A Perspective on Sex and Gender Dissidences in the Production of Urban Space

Resumo

Os cinemões localizados no Centro de Fortaleza (CE) surgem na segunda metade do século XX, possibilitando a socialização e a vivência de sexualidades dissidentes da heteronormatividade compulsória da cidade. Situamos a aparição dos cinemões concomitante à produção do espaço urbano de Fortaleza, identificando que estes se consolidam em meio a uma desvalorização do Centro, enquanto área que era destinada ao consumo e entretenimento das elites. Os registros em campo, relatos e consultas em redes sociais virtuais nos permitem ler os cinemões como espacialidades onde múltiplas masculinidades coexistem. E, além dos desejos sexuais, nos cinemões ocorrem encontros entre amigos, trocas de experiências, afetos e memórias. Ao pensarmos os cinemões geograficamente, encaminha-se para uma interpretação aberta e relacional do espaço, que permite destacar a multiplicidade de sentidos que ali se encontram.

Palavras-Chave: Fortaleza; Centro; Cinemões; Espaço Urbano; Sexualidades dissidentes.

Resumen

Los cines eróticos (cinemões) ubicados en el Centro de Fortaleza (CE), Brasil, surgen en la segunda mitad del siglo XX, posibilitando la socialización y vivencia de sexualidades disidentes desde la heteronormatividad obligatoria de la ciudad. Situamos esta aparición de manera concomitante con la producción del espacio urbano de Fortaleza, identificando que estos se consolidan en medio a una devaluación del Centro como área destinada al consumo y entretenimiento de las elites. Los registros de campo, los informes y las consultas en las redes sociales virtuales nos permiten interpretar estos cines como espacios donde conviven múltiples masculinidades. Además de los deseos sexuales, los cines eróticos contienen encuentros entre amigos, intercambios de vivencias, afectos y recuerdos. Al pensar geográficamente en los cines eróticos, avanzamos hacia una interpretación abierta y relacional del espacio que nos permite resaltar los múltiples significados que allí se encuentran.

Palabras-Clave: Fortaleza; Centro; Cines Eróticos/ Cinemões; Espaço Urbano; Sexualidades Disidentes.

Abstract

The porn cinemas (known as cinemões in Brazil) located in the Center of Fortaleza (CE), Brazil, emerged in the second half of the 20th century, enabling the socialization and experience of dissident sexualities from the city's compulsory heteronormativity. We situated their emergence concurrently with the production of Fortaleza's urban space, identifying that they are consolidated amidst a devaluated downtown area as a venue that was destined to the elite's consumption and entertainment. Field records, reports, and search on virtual social networks allowed us to interpret these porn cinemas as spaces where multiple masculinities coexist. Besides sexual desires, the 'cinemões' enable meetings between friends, exchanges of experiences, affections, and memories. When thinking geographically about these cinemas, we move towards an open and relational interpretation of the space that allows us to highlight the multiple meanings found there.

Keywords: Fortaleza; Downtown; Porn cinemas/Cinemões; Urban Space; Dissenting sexualities.

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Gabriel Augusto Coêlho de Santana

Introdução

Fortaleza (CE), capital do estado do Ceará, é a quinta maior cidade em tamanho demográfico do país e tem uma população estimada, até 2017, de 2.627.482 habitantes (BRASIL, 2018). Nos últimos 50 (cinquenta) anos, a cidade explodiu, e o seu tecido urbano foi seguindo os corredores viários (Fortaleza - Baturité, Fortaleza - Aracati, Fortaleza - Sobral), formando uma extensa região metropolitana, oficializada nos anos 1970 e atualmente composta por 19 (dezenove) municípios. A alta densidade demográfica, o crescimento do tecido urbano e a sua relação com outras cidades nacionais e mundiais configuram Fortaleza como uma metrópole.

As transformações socioespaciais na metrópole Fortaleza, nas últimas 4 (quatro) décadas, alteraram a dinâmica do comércio e o fluxo de pessoas no Centro tradicional. A cidade deixou de ser monocêntrica (um único centro comercial, de lazer e sociabilidade), e passou a ser policêntrica (vários centros comerciais, de lazer e sociabilidade) (DANTAS, 2009). O Centro, que antes era sinônimo de cidade, por abrigar repartições públicas e administrativas, os mais elegantes cafés, restaurantes, espaços de lazer e salas de cinemas, e as casas e palacetes da elite, foi paulatinamente deixando de ser atrativo para a elite fortalezense/cearense e passou a ser desvalorizado, o Centro sofreu abandono por parte do poder público.

É nesse mesmo contexto de produção/expansão/transformação de Fortaleza, em detrimento da desvalorização do Centro tradicional, que atentamos para a coexistência de espacialidade e existências dissidentes e insubmissas no Centro de Fortaleza. São os cinemas pornô (cinemões), motéis, saunas gays, casas de massagem, boates e bares destinados ao lazer e aos encontros eróticos, homoeróticos. Um mundo complexo que envolve prostituição, pegação, travestilidades, lesbianidades, michetagem e outros. O nosso foco são os cinemões, que surgem principalmente a partir da década de 1990, alocados em antigas casas e galpões no Centro de Fortaleza. São espaços dissidentes da ordem compulsória de gênero e sexualidade no contexto do espaço urbano.

Este artigo tem como objetivo discutir os cinemões, situando-os no processo de desvalorização do Centro tradicional de Fortaleza, enquanto fenômeno coexistente à dinâmica de produção/expansão/transformação da cidade e as especificidades, no que se remete ao surgimento de espacialidades dissidentes da ordem compulsória. Interpretamos a emergência desses espaços atentando para a pluralidade de vivências que os constituem, com múltiplas masculinidades envolvidas no processo, fazendo dos cinemões espaços de pegação e sociabilidade para sujeitos à margem da linearidade heteronormativa do sexo, gênero e desejo.

Entendemos que um olhar não estigmatizante sobre espaços como os cinemões é necessário, pois nos encaminha para uma leitura das transformações urbanas que supere dualismos de ordem *versus* desordem, decadência *versus* revitalização. Um raciocínio dual, que acaba por tratar os centros como áreas degradadas e legitimar intervenções urbanísticas promovidas por agentes hegemônicos.



Metodologia

A pesquisa foi realizada entre os anos 2016 e 2018 e contou com a colaboração de frequentadores dos cinemões que ficam localizados no Centro de Fortaleza. Os seus respectivos nomes foram preservados e usamos nomes fictícios. Também preservamos os respectivos endereços dos cinemões, por entendermos que são espaços constituídos pelo desejo de se manterem no anonimato. E, conforme os interesses da pesquisa, foram acionadas as seguintes perguntas diretas: “O que é o cinemão?”, “Quem são as pessoas que frequentam os cinemões?”, “O que é ‘pegação’?” e “Quem são os(as) praticantes da pegação?” (VASCONCELOS, 2018, p. 46).

Para fazermos o exercício geográfico aqui exposto, acessamos o ciberespaço. Por meio dele, foi possível localizar e conhecer o perfil dos cinemões e dos seus respectivos frequentadores(as). O *Facebook* foi a principal plataforma de busca e coleta de informações. O acompanhamento no grupo *facebookiano* “Cinemões de Fortaleza” se deu durante toda a pesquisa. A plataforma *Whatsapp* foi acionada para a interação com alguns frequentadores dos cinemões, que preferiram as trocas de informações por meio deste canal de comunicação.

Sobre o acionamento, uso e coleta de informações sobre os cinemões em Fortaleza, compreendemos, concordando com Campanella (2015), que o ciberespaço é constituído pela cultura e, ao mesmo tempo, a reconstitui. Os modos de acesso das pessoas são reflexos do modelo de sociedade. O ciberespaço, seja como cultura, seja enquanto artefato cultural, não deve ser visto de forma separada, pois “eles se nutrem mutuamente”. Concordamos também, como Ramires (2017, p. 26), que “o grande desafio que se apresenta é a dificuldade, e mesmo a impossibilidade de separarem o virtual e o real, tendo em vista que a virtualidade comporta, obrigatoriamente, a criação de um lugar”.

As conversas aconteceram sem muitas formalidades, tanto pessoalmente, como via *Whatsapp* e *Facebook*, pois, tendo em vista a peculiaridade do assunto, não caberia um questionário de estilo censitário; apenas foi adotado o processo de ir ouvindo e já registrando. A pesquisa em campo se deu concomitante ao acompanhamento pelas redes sociais virtuais. Sendo uma importante etapa da pesquisa geográfica, registramos que a caminhada pelas ruas do Centro exige, além da postura política de olhar sem se sentir pesquisador(a), conhecimentos prévios. Não só os conhecimentos de ordem científica, constatando que esses muitas vezes atrapalham e embaçam o nosso olhar. Mas conhecimentos, saberes apreendidos fora do campo científico, que não são apenas importantes, mas fundamentais para qualquer pesquisador(a) que deseje investigar os fenômenos que constituem o espaço urbano ligados às sociabilidades de modo geral. São os saberes populares, as linguagens, as gírias que compõem todo o simbolismo da cidade e nos ajudam a nos conectarmos com a ordem prática da vida cotidiana.

É importante ressaltar que a autora e o autor constituem e transitam pelos espaços LGBTQ+, fato que, de alguma forma, “facilita” os acessos, o conhecimento das gírias e dos códigos simbólicos acionados pelos grupos citados. Dessa forma, ressaltamos que o percurso da pesquisa envolve os posicionamentos dos(as) pesquisadores(as) a visão e as perspectivas de mundo,

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Gabriel Augusto Coêlho de Santana



assim como o gênero, o sexo e a classe social.

A pesquisa tem um caráter qualitativo, pois buscou compreender os cinemões no Centro de Fortaleza, situando-os no contexto dos processos que envolvem as configurações do espaço urbano galgado na dureza do concreto, da normatividade e do regramento dos corpos e comportamentos, e considera as perceptivas e as experiências dos frequentadores dos cinemões.

O exercício teórico-metodológico tem como base as propostas pós-estruturalistas alinhadas, principalmente, às ideias da geógrafa Dorren Massey (2004, 2015), para quem a multiplicidade, a coetaneidade e o devir fazem parte da abordagem geográfica que pode vir a desconstruir as histórias únicas sobre os lugares. A autora nos sugere a desconstrução das leituras dualistas do espaço urbano, tornando possível perceber as diversas espacialidades produzidas a partir das práticas sexuais, dos desejos, e das existências múltiplas dos sujeitos, possibilitando-nos pensar sobre as práticas e as resistências dos diversos sujeitos e grupos sociais.

Sobre a composição do artigo, o mesmo está dividido em 6 (seis) partes. A primeira é a introdução. A segunda parte é composta por essa metodologia. A terceira parte elucida as propostas estruturalistas e pós-estruturalistas para a leitura do espaço urbano, faz breve percurso histórico e geográfico sobre o processo de produção do espaço urbano de Fortaleza, as respectivas transformações e a desvalorização do Centro. Continuamos, na quarta parte, com o exercício de elucidar as transformações socioespaciais da cidade e a coexistência de espacialidades dissidentes e insubmissas no Centro, principalmente a partir da década de 1970. Na quinta parte, tratamos dos cinemões como expressões das dissidências sexuais no espaço urbano, tomando como base as informações coletadas no ciberespaço, as informações dos frequentadores e a pesquisa de campo. Por fim, na sexta parte são apresentadas as considerações finais.

A Leitura do Centro de Fortaleza (CE) Sob o Ponto de Vista Pós-Estruturalista: Um Olhar para as Espacialidades Dissidentes e Insubmissas

O nosso objetivo com esse tópico é exercitar a nossa imaginação geográfica sobre a leitura dos espaços geográficos, para que se possa romper com as histórias únicas sobre os mesmos. No tocante à pesquisa, a nossa imaginação geográfica regida pelos “métodos científicos” ficam ancoradas em leituras que, de uma forma ou de outra, culminam na obliteração de histórias sobre o mesmo recorte espacial na qual o(a) pesquisador(a) escolhe para fazer determinada pesquisa. Tal prática não se constitui necessariamente como um erro, mas finda moldando a nossa imaginação sobre os espaços geográficos e, conseqüentemente, invisibiliza práticas e experiências que os diversos sujeitos têm nos e com os espaços. Estamos de acordo com Massey (2015), quando afirma que a forma como pensamos o espaço importa, pois implica em nossas subjetividades e na forma como nos posicionamos no mundo, assim como nas nossas ações e posturas políticas e nas nossas pesquisas.

Aqui, temos como recorte espacial o Centro tradicional de Fortaleza e o fenômeno de desvalorização que ele atravessou/atravessa, desde meados da década de 1970. A desvalorização do Centro de Fortaleza é compreendida,

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Gabriel Augusto Coêlho de Santana

aqui, como um fenômeno produzido a partir da articulação dos/entre “agentes produtores do espaço” (CORRÊA, 1989, p. 12), no qual se articulam práticas e discursos que promovem/produzem espaços em detrimento de outros, produzindo também a imagem destes. Optamos pelo entendimento da “desvalorização” do Centro, por se relacionar diretamente com o processo de produção e expansão do espaço urbano. Concordamos que foram as ações e os interesses dos agentes imobiliários que refletiram no abandono do Centro, corroborando com o imaginário de espaço “decadente”¹, por ter se tornado reduto das trabalhadoras e trabalhadores pobres e das sexualidades insubmissas e dissidentes².

Os processos de expansão da malha urbana de Fortaleza que refletiram diretamente no Centro foram analisados e nomeados por Silva (2013), como as transformações do centro tradicional em centro periférico, tendo em vista que o fluxo do comércio ambulante resignificou o bairro, que agora pulsa com o fluxo de pessoas da classe trabalhadora pobre. Conforme Silva (2013), a estruturação do sistema de transporte coletivo no Centro também favorece esse fluxo constante dos(as) trabalhadores(as) pobres, tendo em vista que todas as linhas de ônibus da cidade se direcionam para o bairro – tendo como pontos de chegada e partida as estações da Praça da Estação e da Praça Coração de Jesus.

Até aqui, compreendemos que as ações dos agentes produtores do espaço culminaram no crescimento da malha urbana de Fortaleza, fomentando o surgimento de subcentralidades ligadas ao comércio, ao consumo e ao lazer, fazendo refletir diretamente no abandono estrutural do Centro, e também na repulsa da elite fortalezense. Fazemos o exercício. O que significa a “desvalorização” de um determinado espaço urbano, no contexto do capitalismo contemporâneo, analisado sob ponto de vista de ordem teórico-metodológica da geografia urbana recorrente?

Sob o ponto de vista geográfico, alicerçado na proposta metodológica de Milton Santos, por exemplo, existem quatro categorias para a análise espacial: estrutura, processo, função e forma. A estrutura se trata do modelo de sociedade, considerados seus aspectos econômicos, políticos e culturais. O processo é o conjunto de ações a partir das quais a estrutura se movimenta e vai alterando as suas características sociais e políticas, culturais. A função se refere às atividades da sociedade que possibilitam a reprodução social. Por fim, a forma são as criações humanas, materiais e imateriais, nas quais são realizadas as atividades (SANTOS, 2014).

Fazemos a leitura do Centro de Fortaleza, seguindo a proposta teórico-metodológica de Milton Santos. Não exatamente o recorte espacial Centro, mas precisamente o Sobrado José Lourenço, que fica situado na Rua Major Facundo, 154. O sobrado foi o primeiro prédio de três andares construído na segunda metade do século XIX³, na rua que se chamava Rua da Palma, atual

1 Para mais informações acessar: A ruína do Centro de Fortaleza. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/07/31/noticiasjornalopiniao,3477142/a-ruina-do-centro-de-fortaleza.shtml>> Acesso em: 07/07/2021

2 Sexualidades insubmissas e dissidentes são aquelas e aqueles que desobedecessem à ordem vigente regradada e conformada no aspecto apenas da prática para reprodução. São as práticas e praticantes do sexo e sexualidades que subvertem a ordem. Será exemplificado no decorrer do texto.



Rua Major Facundo. O dono do sobrado era o cearense José Lourenço (1808-1874), formado em medicina, que fez do prédio sua casa e seu consultório. Na época, Fortaleza ainda não era considerada capital do Ceará, ela passou a ser em meados dos anos 1850, quando Aracati perdeu o posto de cidade mais importante.

Os processos e as mudanças na estrutura econômica e política do Ceará no decorrer do tempo alteram as formas e as funções da espacialidade Centro, que passou a ser considerada área central de Fortaleza. Nesse contexto, o Sobrado José Lourenço foi mudando as suas funções, e mantendo a sua forma. Com a morte do médico, a família passou a alugar o sobrado que, no decorrer do tempo histórico de Fortaleza, já foi sede do Tribunal de Relação do Ceará, sede da Prefeitura Municipal de Fortaleza, oficina de marcenaria e já abrigou diversos bordéis, como, por exemplo, a famosa Pensão Marajá⁴. O sobrado foi tombado pelo Governo do Estado do Ceará em 2004 e, atualmente, funciona como um espaço cultural, no qual há exposição de artes.

A proposta metodológica miltoniana tem como fundamento o estruturalismo que, considerado como método, busca a construção de um modelo explicativo para a determinada realidade (estrutura). A Casa José Lourenço, analisada sob o ponto de vista do método miltoniano, é uma forma na qual as funções foram sendo modificadas, conforme as mudanças ocorridas na estrutura social, política e econômica. Sob o ponto de vista miltoniano, o significado do Sobrado José Lourenço, para os sujeitos, é obliterado, ou seja, as diversas funções no decorrer da história, incluindo a função de casa noturna/bordel, não são consideradas como parte da história do sobrado e da própria cidade.

Seguindo essa proposta analítica, o fato da Casa José Lourenço também ter sido, em determinado momento da história da cidade, a Pensão Marajá, cujas práticas ali realizadas perpassavam pelas experiências erótica e sexual de determinado público masculino, não condiz com a análise da produção do espaço feita pela Geografia Urbana recorrente, que tem como base teórica-metodológica a proposta de Milton Santos, como se a prostituição de mulheres não fosse um fenômeno que compõe a própria estrutura moldada pela lógica capitalista. Mas não se trata aqui de fazer juízo de valor quanto à proposta teórico-metodológica miltoniana e nem apontar erros, mas propor a reflexão sobre como as nossas escolhas teóricas, que orientam as nossas pesquisas, refletem na forma como imaginamos o espaço geográfico, como já mencionado.

De uma abordagem estruturalista das categorias forma, função, estrutura e processo, apresentadas por Santos (2014) em "Espaço e Método", acabam derivando formulações mecanicistas sobre o espaço. A ênfase na busca dos nexos causais entre funções e formas dificulta a apreensão do movimento que (des)reorganiza os significados do espaço nas vivências cotidianas e nas

3 Para mais informações sobre a história do sobrado, acessar: <<https://www.somosvos.com.br/patrimonios-historicos-historias-sobrado-jose-lourenco/>> Acesso em: 07/07/2021.

4 Memórias afetivas: Os bordéis do Sobrado Dr. José Lourenço e seus personagens (1950-1970). Luciana Rodrigues de Oliveira. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936_ARQUIVO_MEMORIASAFETIVAS.pdf> Acesso em: 07/07/2021.



experiências dos sujeitos. Em uma perspectiva diversa desta, corroboramos com Massey (2015), quando a autora propõe uma leitura do espaço como aberto, múltiplo e como produto de inter-relações. Pelo espaço, “as identidades/entidades, a relação ‘entre’ elas e a espacialidade que delas faz parte são todas co-constitutivas” (MASSEY, 2015, p. 30). Nesta multiplicidade, será possível reconhecer os significados, as experiências dos sujeitos e os sentidos dos lugares e/ou espaços, que uma abordagem mecanicista omitiria, a exemplo daqueles experienciados por sujeitos dissidentes da heteronormatividade e das sexualidades insubmissas.

O exercício teórico-metodológico proposto por Massey (2015) tem como fundamento o pós-estruturalismo. Massey (2004) apresenta três proposições sobre o espaço: a primeira é o espaço como “produto de inter-relações”, a segunda é o espaço como “esfera da multiplicidade” e da existência de distintas trajetórias que “coexistem”, e a terceira proposição é o espaço sempre em construção, aberto, nunca fechado. Sobre a ideia de inter-relação, o espaço é “co-constutivo nesse processo, ou seja, os sujeitos se produzem no espaço e o espaço é produzido por sujeitos” (MASSEY, 2004, p. 8).

Com relação à segunda proposição, pensar o espaço como “esfera da multiplicidade” se trata, sobretudo, de desconstruir a ideia das narrativas únicas sobre os espaços e sobre os sujeitos, tensionando diretamente a noção do sujeito ocidental (branco, cristão, heterossexual, burguês), dando possibilidade para o reconhecimento dos outros sujeitos, que se distinguem dessas características. Como argumenta Massey (2004, p. 4), “trata-se de uma abordagem que tem sido elaborada e defendida, sobretudo, pelas feministas e por aqueles que trabalham dentro da fundamentação dos estudos pós-coloniais”⁵.

Com essas três noções de desconstruções sobre o espaço, Massey (2004, 2015) propõe a perspectiva relacional, enfatizando que “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (MASSEY, 2015, p. 95). Sob o ponto de vista relacional, eliminam-se dualismos e linearidades, ampliando o campo de visão e percepção para o espaço urbano, incluindo outras variáveis, como, por exemplo, gênero, cor e etnia. Sob o ponto de vista relacional, horizontaliza-se o olhar, espacializa-se o poder e se questiona sobre as leituras homogêneas dos espaços.

Pois, de acordo com Massey:

Se existe somente uma narrativa, um único futuro em direção ao qual estamos caminhando (na forma com que imaginamos o mundo), então teríamos suprimido as genuínas e potenciais multiplicidades do espacial. A simples história linear organiza o espaço em uma

5 O “termo se refere a um conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que a partir dos anos 1980 ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra”. Em síntese, são as perspectivas que tensionam o caráter discursivo do social e buscam descentralizar as narrativas dos sujeitos contemporâneos e buscam o método da desconstrução dos essencialíssimos e se posicionam criticamente frente as concepções epistemológicas dominantes da modernidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 2).



sequência temporal. Uma recusa a temporalizar o espaço, portanto, abre nossas histórias para a multiplicidade, ao mesmo tempo em que reconhece que o futuro não está escrito previamente, isto é, que o futuro, pelo menos em certa medida, e considerados os constrangimentos das circunstâncias, não é produto de nossa própria escolha, mas que nós próprios o fazemos (MASSEY, 2004, p. 16).

Entendemos, portanto, que todas as proposições expostas possibilitam não só o reconhecimento das relações de dominações existentes nas configurações capitalistas no âmbito socioeconômico, como as relações de dominações que envolvem as questões raciais e as questões de gênero e sexualidade, entendidas aqui como marcadores que compõem a máquina capitalista.

Com a proposta de romper com a história única sobre o Centro de Fortaleza, consideramos pertinente uma breve digressão sobre as transformações no Centro tradicional de Fortaleza, no final do século XIX e início do século XX, para que possamos fazer entender que a produção concreta da cidade também produz a imagética sobre os lugares e as pessoas que frequentam tais lugares e tal imagética é atravessada pelos preconceitos de cor, etnia, gênero, classe social e sexualidade. O Centro foi sendo desvalorizado e entendido como espaço “decadente”. O Centro se tornou “decadente” para quem?

Recorremos às narrativas históricas e geográficas. Fortaleza notabilizou-se quando o Ceará foi deixando de ser essencialmente pastoril e a produção do algodão passou a exercer um papel importante na economia local, projetando o estado no mercado internacional, em meados do século XIX. Essa dinâmica econômica estimulou o surgimento da primeira indústria têxtil em Fortaleza, a Fábrica de Tecidos Progresso. E, de acordo com Amora (1994), todas as dinâmicas tiveram o Centro como principal núcleo de aglomeração urbana e, conseqüentemente, o primeiro espaço a ser produzido e também controlado. O Centro era sinônimo de cidade.

O período de efervescência do Centro, compreendido entre os anos 1860 e as primeiras décadas do século XX, foi amplamente influenciado pelas ideias de modernidade estética e comportamental, especialmente francesas, inculcadas pela elite fortalezense. A elite era formada por comerciantes e profissionais liberais vindos de outras regiões brasileiras e também do exterior. Sob a influência europeia e guiada por ideais de civilidade e progresso, esse contingente teve atuação destacada, conforme Ponte (2001). Com o *boom* do crescimento econômico cearense, as elites modernizaram a cidade com reformas e a implantação de equipamentos, aos moldes estéticos de Paris.

O Ceará vivia dias de “efervescência política, econômica, cultural envolto à miséria e a seca” (LIMA, 2003, p. 4). Nesse cenário, surgiram as primeiras preocupações por parte do poder público em organizar, embelezar e higienizar o espaço urbano fortalezense. As preocupações giravam em torno do controle do crescimento espacial, e também no disciplinamento e interdições das pessoas nos espaços públicos e privados, principalmente as mais pobres. Ainda no século XIX, Fortaleza recebeu equipamentos urbanos como bondes, serviço telefônico, o Passeio Público, a Santa Casa de Misericórdia, a Biblioteca Pública, praças e as primeiras salas de cinema. O Passeio Público foi a principal área de lazer do Centro da cidade, até surgirem outros espaços no



início do século XX, como Teatro José de Alencar (1910), o Cine Teatro Polythema (1911), o Cine Teatro Majestic (1917) e o Cine Moderno (1922), esses espaços já eram configurados pela segregação.

Diante do aumento do número de flagelados das secas, na primeira metade do século XX, a elite fortalezense já estava deixando o Centro como local de morada, ocasionando o esvaziamento habitacional. E, a partir dos anos 1920, os espaços públicos e as praças foram deixando de ser lugar de lazer e sociabilidade para a burguesia. Porém, os anos 1920 também são marcados, segundo o historiador Ari Leite⁶, pela efervescência, tanto das salas de cinemas, como das produções de filmes cearenses. À época, a sala de cinema mais famosa era do Cine Majestic, localizado na Praça do Ferreira.

Nas primeiras décadas no século XX, Fortaleza já estava composta por diversos perfis sociais e com uma elite cada vez mais incomodada com a presença de pobres e flagelados das secas, que circulavam pelo Centro. A cidade se expandia seguindo a antiga estrada do Soure (atual Bezerra de Menezes) e a Guilherme Rocha, que na sequência é Avenida Francisco Sá, proporcionando o surgimento de outros bairros como o Jacarecanga, Benfica e Praia de Iracema (COSTA, 2007). A chegada do automóvel, no início do século XX, contribuiu também com a saída da elite do Centro, fazendo surgir também as chácaras do Meireles e da Aldeota, nos anos 1930 (COSTA, 2007).

Destacamos que Fortaleza foi crescendo e passando por inúmeras intervenções urbanísticas, até ingressar no século XX. Das primeiras plantas da cidade, elaboradas pelo engenheiro Silva Paulet (1778-1877), na primeira metade do século XIX, até a primeira planta elaborada por Adolfo Herbster (1826-1893), no final do século XIX, todas as intervenções tiveram o intuito de controlar e direcionar o crescimento espacial, e disciplinar os comportamentos. O que significava retirar dos espaços públicos certos personagens e aglomerações indesejadas; remover os velhos casebres, os pobres, os doentes, os retirantes das secas, os bêbados e as prostitutas (COSTA, 2007; VASCONCELOS, 2018).

É importante destacar que a prostituição se constitui, paradoxalmente, como um mal necessário, e foi alvo de uma discreta, porém, insistente campanha por parte da igreja e das famílias, exigindo do governo providências, no sentido de erradicar o mal que se alastrava, principalmente em razão do contínuo crescimento da migração da população do interior para a capital, em decorrência das secas (SOUZA, 1998). Os prostíbulos, embora sendo alvos de constante vigilância, sempre foram vistos como espaços de primeira necessidade para os homens, e começaram a se espalhar pelas vielas, becos e bares do Centro.

Nesse cenário, as práticas sexuais começaram a ser vigiadas e espacialmente localizadas e toleradas, configurando-se como lugares de lazer para os homens na cidade, formando uma verdadeira “geografia do prazer”, como infere Rago (2008). É importante destacar esse aspecto da cidade pelo

6 As referências relativas às salas de cinemas em Fortaleza foram retiradas do livro *Fortaleza e a Era do cinema: pesquisa histórica (1891-1931)*, de autoria de Ary Bezerra Leite (1995), somando com as anotações pessoais realizadas durante a palestra “Fortaleza e sétima arte”, do mesmo autor, no dia 06 de abril de 2018, no Instituto do Ceará em comemoração ao aniversário de 292 anos da cidade.



fato de que a prostituição se configura como fenômeno urbano, de acordo com Rago (2008), e por se tratarem de sexualidades insubmissas e estarem geográfica e estrategicamente localizadas nos Centros das capitais.

Com relação às pensões no Centro⁷, entre os anos 1930 e 1970, pelo menos dez pensões existiram no Centro de Fortaleza, a saber: Pensão da Amélia Campos, Pensão Boate da 80, Pensão Paraibana, Pensão da Graça, Pensão do Zé Tatá, Pensão Cristal, Boate Fascinação, Pensão Estrela e Pensão América. Todas luxuosas, estabelecidas na parte superior dos sobrados e casarões. Uma das mais famosas foi a Pensão Marajá, frequentada pelos homens da alta sociedade cearense, localizada na Rua Major Facundo, 154, no já mencionado Sobrado José Lourenço, atualmente tombado pela Secretaria de Cultura do Ceará, restaurado em 2006. Essa parte da história do Centro merece outra pesquisa.

As Espacialidades Dissidentes e Insubmissas ou as Outras Histórias Sobre o Centro de Fortaleza (CE)

Se atentarmos apenas para as transformações do espaço geográfico atreladas ao tempo e às ações dos agentes produtores do espaço (CORRÊA, 1989) e sua produção material, ficamos dispersos no tocante às multiplicidades de relações sociais e aos diversos movimentos e pequenas rupturas e resistências que acontecem simultaneamente. Se olharmos para o Centro tradicional de Fortaleza, em sua materialidade e desvalorização, consoante ao processo de produção do espaço urbano da cidade, não nos atentamos às experiências, às práticas da multiplicidade de sujeitos e a como elas produzem espacialidades fixas ou temporárias que são dissidentes e insubmissas perante a ordem hegemônica.

Pontuamos que o imaginário sobre o Centro da cidade foi se transformando na medida em que a cidade foi sendo produzida. As constantes presenças dos retirantes das secas, das prostitutas, boêmios, bêbados, pobres e LGBTQ+ tornaram a área central da cidade não mais atraente para as compras e para o lazer dos estratos médios e altos da sociedade. Porém, mesmo com a saída da elite do Centro para outros espaços das cidades, o Centro ainda permaneceu relevante, do ponto de vista habitacional, até os anos 1950. Nessa mesma década, foi inaugurado, no Centro, o Cine Jangada, projetando filmes franceses e atraindo um público seleta, e também o Cine São Luiz, na Praça do Ferreira.

As salas de cinema que faziam parte do circuito de lazer e sociabilidade do Centro de Fortaleza também tiveram o seu auge e o seu declínio consoante ao processo de produção do espaço urbano. “Aos poucos as salas de cinema do Centro foram fechando as portas, outras se especializaram na exibição filmes pornô, tornando-se ‘refúgio’ para as ‘sexualidades periféricas’, agora inscritas nos circuitos do estigma feito mercado” (VALE, 1997, p. 30). Uma das salas mais conhecidas que passou pelo processo de transmutação de exibição de filmes para o público geral, especializou-se na exibição de filmes pornô, e virou principal ponto para as travestis, foi o Cine Jangada.

7 Fonte: “As pensões da cidade”. Jornal Diário do Nordeste (17/11/2007). Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/as-pensoes-da-cidade-1.411507>> Acesso em: 07/07/2021

Na Fortaleza das últimas décadas do século XX e primeiro decênio do século XXI, as intervenções físico-territoriais na cidade desencadearam uma brusca mudança no perfil urbano, conforme a leitura em Silva (2013). A cidade ganhou fama internacional, passando a fazer parte dos principais roteiros turísticos mais procurados. Essas mudanças faziam parte dos planos do chamado “governo das mudanças” (1987-1990), que focou no turismo e na construção da imagem positiva da cidade.

Conforme Barbosa (2006, p. 55), “entre as décadas de 1980 e 1990, o processo de desvalorização do Centro atingiu seu ponto mais alto”, passando a ser uma área de “intervenção prioritária”, reunindo, com intento de “requalificá-lo”, o poder público e Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), firmando uma parceria público-privada para a recuperação da área.

As preocupações com o Centro, no intuito de inseri-lo na rota do turismo na cidade, trouxeram intervenções pontuais como a reforma da Praça do Ferreira (1991), o Mercado Central (1994-1998), a reforma no Parque da Cidade (1999-2002) e a Ponte dos Ingleses (1994). Houve também o projeto da Secretaria de Cultura do Estado para o restauro das edificações, especialmente da rua João Moreira (Santa Casa, Antiga Cadeia Pública, Passeio Público), considerado o corredor cultural da cidade.

Cabe pontuar, em conformidade com Barbosa (2006), que os investimentos na cultura ganharam relevo consoante à produção da imagem positiva da cidade e à ascensão da Secretaria de Cultura do Estado, que passou a ser protagonista durante o governo Ciro Gomes (1990-1994), investindo na propaganda publicitária para sensibilizar sobre a importância da cultura. A cultura “como produtora de significação, serve bem às exigências da economia mundializada, na qual os espaços precisam oferecer um diferencial para atrair o capital internacional” (BARBOSA, 2006, p. 41).

No decorrer das propostas para requalificar o Centro, ele sempre esteve dinâmico, sempre esteve vivo, embora abandonado pelo Estado, em termos de cuidados com o seu espaço físico. Assim, cabe questionar sobre as tentativas de requalificação do Centro de Fortaleza, que fazem o discurso sobre a necessidade de revitalizar o espaço, como se o Centro estivesse morto. O que, na prática, significa proibir a circulação dos indesejáveis, dos corpos abjetos, dos e das decadentes, para se produzir uma cidade de imagem positiva para o fluxo de pessoas visitantes.

Por todo esse contexto, compreendemos que, para ler geograficamente os cinemões como espacialidades que tensionam a ordem hegemônica, é pertinente a compreensão do surgimento dos mesmos no próprio contexto de produção e expansão de Fortaleza, considerando os aspectos que fizeram do Centro o principal espaço da cidade, para possibilitar a compressão do surgimento dos espaços dissidentes, principalmente a partir da década 1970.

Coelho (2010, p. 1) destaca que “as sociabilidades homossexuais, na cidade de Fortaleza, e suas territorialidades constroem-se em meio a espaços abertos e fechados, por entre brechas e astúcias galgadas através das décadas”. Os espaços produzidos para e frequentados por gays começam a ganhar visibilidade na estrutura urbana a partir da década de 1970, período em que Fortaleza se transforma em metrópole e deixa de ser monocêntrica. Nessa década também surgem os primeiros movimentos gays no país, que vivia sob a

ditadura militar.

A pesquisa de Coelho (2010) teve como foco as performances das travestis e *drag queens* na cidade, fornecendo alguns pontos localizados, principalmente no Centro, como a boate Casa Blanca, situada na Avenida Duque de Caxias, na década de 1990, que produzia shows e apresentações de figuras ícones da cidade, como a famosa Lena Oxa⁸.

Tratando também sobre as dissidências e as resistências na cidade, Coelho e Veras (2017) apontam o Edifício Jalcy, localizado na Avenida Duque de Caxias, no Centro, como principal *point* gay dos anos 1980, por ser morada das travestis que organizam o carnaval na mesma avenida, e concursos de beleza no “Teatro José de Alencar e nas boates Casa Blanca e Feitiço” (COELHO; VERAS, 2017, p. 8). Os autores também citam os bares localizados nas proximidades do Edifício e que ainda resistem, como o Disney Lanches, que são pontos de encontros LGBTQ+, no Centro.

Outra espacialidade dissidente e resistente que marcou época no Centro de Fortaleza foi a boate Divine (2000-2015). A Divine ficava localizada na Rua General Sampaio e foi um dos principais espaços de shows dos artistas transformistas do Ceará. Em frente à boate tinha um bar “inferninho”, reduto do público LGBTQ+ e que também marcou época. A boate tinha ingresso com valor acessível, atraindo o público LGBTQ+ que não tinha como pagar boates caras nos bairros nobres da cidade. O fechamento da Divine gerou matéria no Jornal o Povo, “A última fechoação”, com seguinte chamada: “Referência nacional na arte transformista, a boate Divine fecha as portas após quase 15 anos. Espaço de shows e festas, a casa noturna deixa o Centro depois do valor do aluguel triplicar neste ano” (JORNAL O POVO, 2015).

Há certa escassez de registros sobre essas espacialidades dissidentes, essas vivências na cidade são reflexos da forma como se imagina os espaços, como se analisa o espaço urbano e da forma como se contam as histórias dos lugares, refletindo o preconceito contra os grupos dissidentes da heteronormatividade. A boate Divine, assim como as de outrora, marcaram época na capital, sendo parte da história LGBTQ+, do mesmo modo os cinemões marcam a história e a trajetória de grupos de pessoas que dissidiam das práticas sexuais não normativas.

Salientamos que o Centro ainda é espaço do comércio, da circulação e venda de mercadorias das mais variadas, é o local para onde trabalhadoras e trabalhadores se deslocam todos os dias das periferias da cidade para os seus locais de trabalho. O Centro é marcado pela paisagem do comércio legal e informal de vendedoras e vendedores ambulantes que se amontoam pelas ruas e galerias, preenchendo-as e imprimindo paisagens. Durante o dia, o Centro é movimentado pelo comércio, e composto pela concomitância de paisagens descontínuas. Durante a noite, outras paisagens se formam. É quando a dinâmica do comércio formal acaba, no final do dia, e o fluxo de pessoas vai reduzindo, que outras portas se abrem e outros fluxos e movimentos acontecem.

8 Nascida na década de 1960, ela é umas das personalidades LGBTQ+ mais conhecida e influente do Ceará. Iniciou os seus trabalhos fazendo performance da Tina Turner na boate Casa Blanca em Fortaleza. Lena ficou conhecida nacionalmente por apresentar um programa da TV aberta no início dos anos 2000.

Sobre o Centro noturno de Fortaleza, Daniel⁹ comenta:

É um local que durante a noite é forte a presença dos gays e travestis. As trans fazendo programa em várias ruas da região do centro, travestis em esquinas, tentando ganhar dinheiro com a prostituição. Elas têm uma perspectiva, é como se ir para o centro fosse como um ponto de partida para elas irem para São Paulo e Europa. Elas têm cafetinas, tem donos. Essas cafetinas investem nas travestis com silicone, “bombando” elas. Ai com o tempo e com a experiência elas acabam que criando uma rede de contatos que levam elas para São Paulo. Além das travestis, tem muitos gays que estão em busca de pegação,¹⁰ que tem como destino os cinemões, mas eles costumam ficar nos bares também para a famosa pegação [...] Tem bares na avenida do Imperador, na Duque de Caxias, na 24 de maio, tem perto do Parque das Crianças, na Pedro Pereira [...] Existem as bichas de todas as classes, desde as gays que vem da periferia até as que vem de bairros mais ricos. Eu já conheci professores, advogados e até vendedores. Tem um público bem misturado. Tem muito pseudo-hetero porque eles veem esses lugares como uma oportunidade de conseguir uma pegação (DANIEL, 2018).

São as existências insubmissas e dissidentes que compõem outra geografia no Centro de Fortaleza. São os bares e as boates da Avenida do Imperador, as lanchonetes e bares da Avenida Duque de Caxias (que ainda resistem), são as mulheres e os homens que tiram seus sustentos na prática da prostituição, demarcando territórios nas esquinas da Rua Meton de Alencar, os botecos da Praça da Estação, as saunas e boates de sociabilidades homoeróticas da Avenida Tristão Gonçalves, e os vários cinemas pornô (cinemões), localizados entre as ruas Major Facundo, Senador Pompeu, General Sampaio, Floriano Peixoto e Assunção: “É o mundo que a sociedade finge desconhecer e a moralidade normativa não permite revelar” (CARDOSO, 1996, p. 59).

O próximo tópico versa sobre os cinemas pornô (cinemões), fenômeno que surge principalmente a partir dos anos 1990, concomitante ao processo de desvalorização do Centro. São espacialidades que compõem um circuito de pegação, sociabilidade e masculinidades na cidade. Espacialidades dissidentes que tensionam a ordem hegemônica da produção do espaço urbano em dois sentidos: na própria composição física da espacialidade, na dureza da materialidade e das relações, e na própria composição interna produzida a partir das relações dos sujeitos constituídos por diferentes performances masculinas, sem que ambos os sentidos sejam excludentes.

9 Nome fictício. Colaborador amigo e frequentador dos cinemões. Conversas realizadas em um bar, 2018.

10 Expressão utilizada para se referir aos encontros em que o desejo e o envolvimento sexual entre os presentes é o elemento principal do contato. Em quase 30 definições do verbete “pegar” existentes no Dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2011), estão: ficar aderente, colar-se, agarrar, segurar. A expressão pegação amplia o sentido do termo, atribuindo-lhe significado no contexto das vivências da sexualidade.

Os Cinemões no Centro de Fortaleza (CE): Pegação, Sociabilidades e Masculinidades Múltiplas

A princípio, consideramos os cinemões como espacialidades que tensionam a leitura e a produção do espaço urbano sob o ponto de vista geográfico, pois os cinemões envolvem sexo, pegação, desejos, masculinidades e performances de gêneros e sexualidades, e não vamos tentar enquadrá-las em conceitos fixos. Os cinemões no Centro de Fortaleza surgem, principalmente, a partir dos anos 1990. Estamos lidando com um fenômeno recente, sob o ponto de vista das transformações urbanas da cidade.

Assim, uma leitura geográfica dos cinemões no Centro de Fortaleza exige situá-los no processo de produção da cidade e os respectivos processos de valorização e desvalorizações dos espaços. Perante a ordem normativa do espaço urbano, os cinemões são subversivos. Eles estão inseridos espacialmente entre instituições que sufocam os desejos e as subjetividades (igrejas, escolas, bancos, faculdades) e que regulam as performances, estabelecendo limites para os sujeitos. As instituições normativas são inquestionáveis, dada a sua configuração entendida como natural, já os cinemões acionam a imagética da promiscuidade, dos degenerados, sendo reservados ao rol da “abjeção”¹¹.

Como já mencionamos, o Centro tradicional de Fortaleza possuía muitas salas de cinema, que faziam parte do circuito de lazer e sociabilidade e também tiveram o seu auge e o seu declínio consoante ao processo de expansão urbana da cidade. Aos poucos, algumas salas de cinema do Centro foram fechando as portas, e outras se especializaram na exibição filmes pornôs, como, por exemplo, o Cine Jangada.

A partir da década de 1990, houve o aumento do número de salas de exibição de filmes pornôs no Centro de Fortaleza, tornando-se um investimento lucrativo (COELHO, 2017). De 1990 até 2021 são 31 anos de história dos cinemões e, certamente, muitos abriram e outros fecharam. Alguns marcaram época, como o Cine Betão, e outros mais sofisticados foram surgindo, como o Cine Autoroma, na rua Major Facundo, inaugurado em 2016.

Nas andanças pelo Centro, tendo como guia as informações capturadas no grupo *facebookiano* (Cinemões de Fortaleza), mais as informações dos colaboradores diretos, foi possível identificar 19 cinemões. Não foi possível fotografar todos, devido ao anonimato que muitos preservam. Os cinemões se concentram no quadrado formado pelas ruas Assunção, Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio, Clarindo de Queiroz, Meton de Alencar, e também na rua 24 de maio. Todos funcionam em horário comercial e alguns têm funcionamento 24 horas.

Conforme as capturas realizadas nos grupos virtuais no *Facebook*, e mais as

11 Ideia que se refere aos corpos não inteligíveis socialmente, porém não se restringe à sexualidade e nem à heteronormatividade, assim pode ser usado como conceito performativo para se fazer entender sobre as pessoas e os espaços. Para Judith Butler (PRINS; MEIJER, 2002), os corpos abjetos relacionam-se com as vidas que não importam para a sociedade capitalista serializada heteronormativa. São os mendigos, as prostitutas, as travestis, os *gays* que não performatizam masculinidade, as mulheres que não performatizam feminilidade, os loucos, os viciados e outros. No que tange os espaços, esses são situados como menos importantes e constroem a ideia do desvio e da desordem.

informações passadas pelos frequentadores que colaboraram com a pesquisa, podemos situar os cinemões como espacialidade de pegação e sociabilidade de homens constituídas por diversas masculinidades.

No universo da pegação, as espacialidades são efêmeras, forjadas, produzidas pelo desejo. No contexto do Centro de Fortaleza, existe uma zona cujas fronteiras não são fáceis de serem percebidas, pelo fato dos códigos para a realização dos desejos estarem situados no campo não normativo em um espaço normativo, daí os sinais dos corpos serem capturados apenas por aqueles que praticam os rituais de pegação:

Os códigos de pegação seriam assim os sinais, esses sinais são bem subjetivos e bem conhecidos de quem vive esse universo da pegação, que vai desde um olhar... é... não é como uma paquera, é um olhar com uma intencionalidade, é uma olhada esticada, assim... que faz um gesto, é um gesto com um olhar. É um olhar interessado que se fixa por um momento e aí você entende que a pessoa está a fim. E quando você chega no local de pegação, você não fala muito, os códigos são justamente porque evitam esse contato mais íntimo, já que é uma relação imediata, rápida, fugaz, fugidia, que não vai para além daquilo. Então é um olhar, é um aceno como se você chamasse mexendo a cabeça indicando o local com a cabeça. Uma olhada mais pausada e alguns gestuais como apertar o pênis, segurar para que o outro entenda que você está interessado (DÁRIO, 2018).

Os cinemões se inserem no circuito da pegação sendo compreendidos, aqui, como locais “seguros” para essa prática. De modo geral, os cinemões não são salas de cinema especificamente, são espaços produzidos, improvisados nas casas e galpões antigos, muitos alugados e sem placas, fato que dificulta a identificação desses espaços. Do mesmo modo, pelo fato de serem locais alugados, existe a mudança de endereço e a constante troca de nomes, dificultando também a localização.

A localização dos cinemões (longe da área mais movimentada do Centro) favorece o anonimato dos frequentadores. Notamos os passos apressados dos homens para as quadras onde estão localizados os cinemões e a “prática da espreita”, como indica Costa (2014), relativo às práticas de pegação no espaço urbano. A prática da espreita dos sujeitos é marcada por códigos difíceis de capturar, mesmo que nos colocássemos à espreita, pois a discrição é o segredo, e há de se considerar que muitos dos frequentadores preferem performatizar uma masculinidade viril para não “dar pinta”.

Estamos de acordo com Vasconcelos (2016), quando o autor adverte que não se pode reduzir a apropriação que “os sujeitos fazem desses espaços a um simples reduto de encontros eróticos entre homens que procuram experienciar um momento marcado pelo anonimato” (VASCONCELOS, 2016, p. 37). Faz-se necessário compreender os contextos social, cultural e político nos quais estão inseridos os cinemões. O que se sugere é pensar quais elementos de ordem cultural, política e geográfica contribuíram com a produção dessas espacialidades e quais as práticas interditas para determinados sujeitos no contexto do espaço urbano.

Do ponto de vista geográfico, considerando a produção do espaço e todos os elementos e discursos emaranhados na produção do espaço, os cinemões se situam como espaços abjetos – tanto sob o ponto de vista teórico-metodológico recorrente na Geografia Urbana, como sob o ponto de vista da imagética produzida pelas agentes produtores da cidade. Considerar os cinemões como espaços abjetos envolve os preconceitos de classe, de cor, de gênero e sexualidade inculcados na sociedade. Cabe ressaltar que cada cinemão conecta sistemas de valores relacionados às classes sociais, às performances de gênero, às masculinidades e às possibilidades de encontros promissores.

Com relação à classe social, Parker (2002) afirma que as questões de classe nas comunidades LGBTQ+ são estruturantes e marcadoras dos espaços. Os cinemões situados no Centro de Fortaleza são considerados, até mesmo pelos homens gays, como espaços sujos, abjetos e frequentados por homens de classe baixa. Daí que os cinemões são diferenciados e conhecidos pelos sujeitos que frequentam, conforme os sistemas de valores concretos e simbólicos.

A estigmatização dos cinemões de Fortaleza, quando realizada também por homens gays, reflete em grande medida a distinção identificada por Marsiaj (2010), entre a socialização dos “gays ricos” e das “bichas pobres”, no Brasil. Vistos como modelos de cidadão-consumidores, os primeiros têm acesso pela via do consumo a espaços onde a presença das bichas pobres é bloqueada pelo poder aquisitivo. Estas, por sua vez, têm nos cinemões uma centralidade vista pejorativamente como decadente, e a possibilidade de realizar suas práticas sexuais dissidentes. É em meio à desvalorização corporativa do Centro que corpos dissidentes abrem fissuras no tecido heteronormativo da cidade.

Na produção espacial dos cinemões por seus frequentadores não se verifica uma materialização rígida de formas simbólicas que representem as relações dissidentes ali instituídas. O que se revela neste contexto é uma pluralidade de corpos cujas pulsões e desejos não se traduzem facilmente numa categorização universal e abstrata de homem gay. Ao tratar das masculinidades homoeróticas, Costa dá ênfase a esta complexidade

[...] O fato de homens fazerem sexo ou desejarem outros homens apresenta-se como um campo de acontecimentos muito complexo em que estéticas e subjetividades diversas ligadas ao desejo homoerótico podem experimentar múltiplos contextos, formas de ação e pensamentos desejantes, em que muitos deles não se adequam exatamente a atributos forjados como ‘homossexuais’ ou ‘gays’ (COSTA, 2011, p. 345).

Os cinemões no Centro de Fortaleza correspondem a esta complexidade. São atrativos para homens gays e HSH¹², e são reconhecidos de acordo com o público: homens gays acima de 50 anos, michês, travestis, gays ativos, gays passivos, e outros. Essa constatação sobre o público que frequenta os cinemões parte das observações realizadas nas andanças pelo Centro e com as informações capturadas por meio de redes sociais virtuais.

12 A sigla HSH significa “homens que fazem sexo com homens”, sendo por muitas vezes utilizadas por sujeitos que vivem experiências sexuais homoeróticas sem identificarem-se necessariamente como homossexuais ou homens *gays*.

A constelação de sujeitos que frequentam os cinemões justifica as desconstruções das ideias de gênero, sexualidade e masculinidade, rejeitando uma concepção de uma identidade fixa. Enfatizamos que os cinemões se distinguem pela classe social e pelas performances de gênero e masculinidades dos frequentadores. Distinções que estabelecem de imediato a composição e as interdições de sujeitos nos cinemões.

Ao observar a multiplicidade de frequentadores (bichas afeminadas, discretos, HSH, mariconas, cafuçus, etc.) presentes nos cinemões, constatamos que a pluralidade de masculinidades envolvidas inviabiliza a construção de uma visão monolítica sobre o ser homem, e mesmo sobre o ser homem gay. Como destacam Silva e Ornat

[...] a imagem hegemônica jamais se equivale, em sua totalidade, na vida concreta de todos os homens. Homens, tanto quanto mulheres, são transpassados pela raça, idade, sexualidade, religião, etc. Isso faz com que haja grupos subordinados de homens, cujas existências concretas não correspondem à imagem hegemônica (SILVA e ORNAT, 2011, p. 32)

Nesse sentido, os cinemões se revelam como espacialidades dissidentes da ordem compulsória também por possibilitarem a existência de múltiplas masculinidades no seu interior. Estas se apresentam com maior ou menor grau de distanciamento daquela masculinidade hegemônica centrada na figura do homem, heterossexual, viril e provedor da família nuclear. E tanto o afastamento deste padrão, quanto a aproximação do mesmo mobilizam olhares, desejos e práticas sexuais tidas como abjetas em outros espaços.

Destacando a dinâmica relacional de instituição das masculinidades, Connel (2005) posiciona como masculinidades subordinadas aquelas vividas pelos homossexuais, dado que a posição culturalmente dominante é a de um padrão masculino heterossexual, por ela identificado como masculinidade hegemônica. Contudo, a autora destaca ainda a existência de masculinidades cúmplices: aquelas vividas por homens que possuem alguma vinculação com o modelo hegemônico de masculinidade, embora não incorporem plenamente este projeto nas suas vivências cotidianas. Esta categoria nos oferece uma possibilidade de leitura daquelas performances corporais que, preservando características marcadamente heteronormativas, figuram na multiplicidade de corpos frequentadores dos cinemões.

Esse conjunto de performances masculinas geram tensões e tesões, no sentido em que todas as performances são negociadas e acionadas conforme os desejos e as fantasias. Os cinemões estão marcados pelas classes sociais, mas também pelos desejos e pelas fantasias dos frequentadores. Como aponta um colaborador¹³ de classe social favorecida e acadêmico: “existe o fetiche no ‘cafuçu do bem’”. No dicionário formal, a palavra “cafuçu” significa “sujeito sem nenhuma qualificação”, o que infere o tom pejorativo, mas que aciona um marcador que pode possibilitar para o sujeito “cafuçu” um poder, um maior número de encontros, a junção “cafuçu do bem” marca a performance do sujeito másculo, que demonstra ser sexualmente ativo, ser “do bem”.

13 Conversa informal/amigo *gay* classe média e acadêmico, 2017.

Parker (2002) afirma que o mundo gay emergente cruza com modelos mais tradicionais relativos à ideia de ativo/passivo e também com as racionalidades homossexual e heterossexual, e que ambas as elaborações são distintas. O autor aponta que o mundo gay emergente está “enraizado no contexto econômico e social específico ligado à urbanização e à industrialização” (PARKER, 2002, p. 72). E esses fenômenos, segundo o autor, transformaram rapidamente o país, e criaram um espaço social de uma classe operária e também um relativo anonimato, características da existência no urbano, que se fundiu com o fluxo de migrantes rurais para a cidade.

Cabe destacar as características da urbanização e formação da sociedade fortalezense: composta pela presença dos sertanejos (principalmente os retirantes das secas), da população litorânea (pessoas pobres e pescadores), e da formação de uma elite local mediante o progresso da econômica algodoeira cearense. Essa composição de sujeitos, culturas e classes sociais fez surgir hábitos, costumes, práticas de lazer e sociabilidade que são expressos no cotidiano da cidade fortemente marcados pelos preconceitos de classe e de cor. A elite tentou, a todo custo, impor os costumes modernos, regados pelo afrancesamento, que ora eram acatados, ora sofriam resistências, por parte principalmente dos mais pobres, gerando preocupações e incômodos ao poder público e à elite local emergente.

Sobre os contextos de fusão de valores e culturas, Parker (2002) enfatiza:

Dentro desse imenso, quase sempre impessoal e extraordinário complexo sistema urbano, foi, em geral, por meio de seus desejos e práticas sexuais compartilhados, e da geografia sexual complexa presente no relativo anonimato da vida urbana, que diversos tipos de homens que fazem sexo com homens foram capazes de encontrar um ao outro e estabelecer um mundo social compartilhado (PARKER, 2002, p. 73).

Faz-se necessário contextualizar os cinemões e situá-los na sociedade capitalista-heteronormativa. E assim, conforme foi percebido no trabalho de campo e informado por um dos colaboradores dessa pesquisa, compreendemos os cinemões também como espacialidades produzidas pelas sociabilidades de homens que realizam desejos não normativos, mas que frequentam os cinemões não só para a busca do sexo. Existe o histórico de interdições dos desejos e das performances não normativas que os direcionam para esses espaços em busca de socializar com pessoas que compartilham experiências de vida que se aproximam.

Um dos cinemões da rua Assunção é conhecido por ser frequentado por homens gays idosos, acionando tanto uma imagem negativa (por parte dos mais jovens), como uma imagem positiva para os homens idosos, no sentido da possibilidade do encontro com pessoas que vivenciaram as mesmas décadas, conectando memórias de tempos passados (com relação à vivência de pessoas gays idosas caberia outra pesquisa). Sobre os cinemões como espacialidades de sociabilidade e lazer, Dário¹⁴ relatou:

14 Nome fictício. Conversa realizada via *WhatsApp* com um frequentador dos cinemões.

O cinemão, ele, exerce essa função, também, onde as pessoas vão encontrar outras pessoas, se socializar. Até porque o sexo é uma forma de socialização e de diversão, entretenimento, mesmo com os filmes às vezes as pessoas não estejam muito atentas a eles. [...] na estrutura de vários cinemões há espaço com um barzinho, televisão, onde tem uma programação normal dos vários canais, alguns tem clipe, vendem bebidas. Alguns são bem amistosos, você percebe pessoas que se encontram e conversam e já tem algum nível de intimidade, de proximidade e se encontram. E às vezes passam mais tempo nesse espaço de socialização e de lazer e de encontro entre amigos e colegas, pessoas que se conhecem ali. Eu já cheguei até a conhecer e não fazer amizade, mas quando eu vou eu cumprimento eu converso independente de ter algum contato sexual ou não, mas sim... É um espaço de lazer a um custo pequeno e que as vezes é a única alternativa para homens gays não assumidos ou homens que fazem sexo com homens ou bissexuais que conseguem ter essa possibilidade do encontro de se socializar com outras pessoas que tem uma vivência semelhante (DÁRIO, 2018).

Reconhecer os cinemões como espacialidades de sociabilidade e lazer é também desconectar de geografias fixas e leituras dualistas sobre os espaços. É desconstruir o senso comum sobre o desejo e os sujeitos que frequentam os cinemões. É desconstruir a “história única”, como sugere Massey (2004, 2015). Embora seja preciso também reconhecer que são espacialidades marcadas por relações de poder, nas quais se estabelecem uma série de relações abusivas, principalmente contra mulheres cis e travestis. Da mesma forma, vale a desconstrução do olhar, permitindo ir além da visão determinista e moralista que tem definido socialmente os cinemões no contexto urbano, e as leituras e análises sobre o espaço urbano, sob o ponto de vista geográfico.

Considerações Finais

As escolhas teórico-metodológicas para pesquisas que envolvem sujeitos e práticas dissidentes da heterossexualidade perpassam pela postura política dos autores. E tais escolhas de pesquisa também exigem conhecimentos e saberes que constituem o cotidiano das cidades e os universos LGBTQ+, possibilitado o ir e vir na ordem prática do circular pela cidade e pelos espaços dissidentes. Sendo, portanto, pesquisas que exigem desprovimento de preconceitos de classe, gênero, sexualidades ou cor. Assim como uma reflexão crítica do próprio fazer pesquisa no âmbito acadêmico científico.

Nós buscamos superar a história única sobre o Centro de Fortaleza, fazendo uma leitura do espaço urbano congruente com as proposições teórico-metodológicas fundamentadas no pós-estruturalismo, as quais possibilitam romper com as leituras dicotômicas e dualistas comuns nas análises do espaço urbano no âmbito da geografia urbana hegemônica. Pois, ressaltamos que a nossa leitura e imaginação sobre o espaço geográfico implica nas nossas ações, posicionamentos e práticas políticas. E que considerar o espaço como produto de inter-relações, como aberto e múltiplo torna possível considerar as

experiências dos sujeitos marcados não apenas pelas diferenças de classe social.

Optamos pela leitura do Centro tradicional de Fortaleza, fincados com a ideia de desvalorização, por se relacionar diretamente com o processo de produção/expansão da malha urbana e da ação e interesses dos agentes produtores do espaço, que fez refletir no abandono do Centro e na falta de manutenção da sua estrutura física. Elencamos o conjunto qualidades simbólicas e funcionais do Centro, percorrendo o auge, o declínio, e destacamos os sujeitos e as espacialidades insubmissas e dissidentes.

Portanto, compreendemos que é no processo de expansão/transformação do espaço urbano, promovido principalmente entre os agentes imobiliários e o Estado, que a cidade vai sendo produzida e os lugares vão sendo criados/alterados/banidos; ganhando equipamentos materiais e produzindo imaginários associados ao poder aquisitivo e aos capitais materiais e simbólicos, assim como o imaginário de lugar perigoso e decadente, diante da ascensão de lugares decentes e seguros para os encontros e para o consumo, como no caso dos *shoppings centers*, que são espaços de consumo e lazer.

O Centro de Fortaleza sempre esteve vivo, dinâmica na qual foi dada ênfase ao imaginário de espaço sujo e decadente, por ter se tornado reduto das práticas de prostituição, de trabalhadoras e trabalhadores pobres, de michês, travestis, transexuais, lésbicas e gays. O Centro é decadente para quem? Para a elite emergente que foi deixando o Centro por se sentir incomodada com a presença constante dos perfis citados. No Centro, há uma geografia dos espaços constituídos por sujeitos dissidentes da heteronormatividade, que fazem parte da história e da cultura dos grupos LGBTQ+, cuja escassez de registros é reflexo da imagética e dos preconceitos sobre os espaços, e da forma como se contam as histórias e a geografia das cidades.

A pesquisa nos possibilita inferir que os cinemões podem ser considerados como espacialidades que tensionam a ordem hegemônica na produção do espaço urbano, pois se encontram imersas nos espaços normativos do Centro tradicional de Fortaleza. São também atravessados por práticas de pegação, envolvendo homens e as múltiplas masculinidades. Observar a multiplicidade de corpos desejanter que frequentam os cinemões nos permite superar uma visão monolítica da masculinidade, centrada na figura do homem heterossexual, branco e rico, como único sujeito capaz de constituir espaços de encontros, lazer e sociabilidades. Nem mesmo a vivência homoerótica permite que afirmemos um padrão único de masculinidade gay. Classe, raça/etnia, geração e performances de gênero são acionadas nesses espaços. Afirmar as masculinidades como plurais nos permite perceber que o padrão androcêntrico hegemônico na produção do espaço urbano beneficia determinados tipos de homem em detrimento de outros.

Os cinemões envolvem a multiplicidade de homens e performances masculinas. Reconhecemos os cinemões no meio de tantas interdições, preconceitos e violências como espaços para encontros e sociabilidade de homens que não buscam apenas sexo. São encontros que prezam as vivências, as trocas de experiências, as amizades, os afetos e as memórias dos que vivenciaram as mesmas épocas, sendo para muitos a única opção de lazer acessível na cidade. Reconhecer os cinemões como espacialidades que

organizam outros encontros, além dos sexuais, é reconhecer também a geografia normativa da cidade e as sociabilidades que envolvem preconceitos e a multiplicidade de subjetividades.

Por fim, consideramos a pertinência de uma geografia que busque superar as leituras dos espaços de forma dualista e homogênea, procurando se voltar para a multiplicidade de experiências dos sujeitos no e com os espaços; para as experiências das práticas sociais que fogem a heteronormatividade hegemônica, práticas que produzem microrrevoluções urbanas todos os dias. Talvez uma geografia que perceba as outras histórias e as outras geografias das cidades para que possamos nos atentar para as intervenções no espaço urbano que tem o caráter elitista e higienista.

Referências

AMORA, Zenilde Baima. Aspectos Históricos da Industrialização no Ceará. *In*: SOUZA, Simone de (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BARBOSA, Renata Horn. **Intervenções na Área Central de Fortaleza: arquitetura e cidade no final do século XX**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BRASIL. **Censo Brasileiro de 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

CAMPANELLA, Bruno. Por uma Etnografia para a Internet: transformações e novos desafios. Entrevista com Chistine Hine. **Matrizes**, v. 9, n. 2, p. 167-173, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111722/109726>> Acesso em: 13 jan. 2018.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A Cidade não Revelada**. Fortaleza: OICE/UECE, 1996.

COELHO, Juliana Frota da Justa. Cinemões e Sexopolíticas no Centro de Fortaleza (CE) *In*: SIMPÓSIO TEMÁTICO DESFAZENDO PRÁTICAS SEXUAIS: POLÍTICA, GÊNERO E MORALIDADE EM PRÁTICAS PERFORMATIVAMENTE DISSIDENTES, 29., 2017. **Anais...** Capina Grande, PA, 2017. Disponível em: <<https://docplayer.com.br>> Acesso em: 26 dez. 2017.

COELHO, Juliana Frota da Justa. Descortinando a Cidade: a ‘Montagem’ da Fortaleza ‘Babado’. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 176-189, 2010. Disponível em:

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Gabriel Augusto Coêlho de Santana

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1729>> Acesso em: 20 dez. 2011.

COELHO, Juliana Frota da Justa; VERAS, Elias Ferreira. Transtopias Sexopolíticas dos Espaços e dos Corpos em Fortaleza. **Metrópolis**, n. 30, p. 1-9, 2017. Disponível em: <<http://emetropolis.net>> Acesso em: 10 dez. 2017.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. University of California Press, Berkeley: Los Angeles, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Benhur Pinós. Geografias, Masculinidades e Homoerotismo: teorias, práticas e posicionalidades de pesquisa. In.: SILVA, Joseli Maria.; ORNAT, Márcio José.; JUNIOR, Alides Baptista Chimin (Orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

COSTA, Benhur Pinós. Práticas Espaciais de ‘Pegação’ Homoerótica: O Caso dos Banheiros Públicos nas Cidades de Presidente Prudente (SP) e Vitória da Conquista (BA). **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 152-179, 2014. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/5233/pdf_114> Acesso em: 04 dez. 2017.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello Et.al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.

DANTAS, Francisco Wanderley, O Centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, F. W. (Org.). **De Cidade a Metrópole (Trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: UFC, p. 187-238, 2009.

JORNAL O POVO. A Última Fechação, Publicado em 10 de janeiro de 2015, por Paulo Renato de Abreu, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2015/01/10/noticiasjornalvidaarte,3374699/a-ultima-fechacao.shtml>> Acesso em: 10 jan. 2018.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. O Sexo e a Cidade: conhecendo o território homoerótico do centro de fortaleza. In: **Prazer com Segurança? As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza**. Ceará. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, p. 47-73, 2011.

LIMA, Ariza Maria Rocha. A Educação Corporal no Aformoseamento da Cidade de Fortaleza no Final do Século XIX e Início do Século XX. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 8. n. 57, 2003. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd57/fortal.htm>> Acesso em: 15 fev. 2016.



MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays Ricos e Bichas Pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 22 set. 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2511>> Acesso em: 12 jan. 2021.

MASSEY, Doreen Barbara. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. **Geographia**, n. 12, 2004. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br>> Acesso em: 24 out. 2017.

MASSEY, Doreen Barbara. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculinidade e comunidade gay no Brasil. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social 1860-1930. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os Corpos se Tornam Matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Pesquisa Qualitativa dos Espaços Virtuais: algumas reflexões. In: PESSÔA, Vera Lúcia Salazar; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo; RAMIRES, Julio Cesar de Lima (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa**: aplicações em Geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, p. 25-56, 2017.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SILVA, José Borzacchiello. Fortaleza: o centro da cidade. In: FERREIRA, A. (Org.) **Metropolização do espaço**: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 109-130.

SILVA, Joseli Maria.; ORNART, Marcio José. Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro. In.: SILVA, Joseli Maria.; ORNAT, Maria José.; JUNIOR, Alides Baptista Chimim (Orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

SOUZA, Francisca Ilnar. O território do prazer em Fortaleza. In: SOUZA, Francisca Ilnar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo: Annablume, 1998. p. 53-72.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **Cenas de um público implícito: territorialidade marginal, pornografia e prostituição travesti no cine jangada**. 1997. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Os cinemões como espaços de tensionamento à ordem hegemônica da sexualidade na produção do espaço urbano de Fortaleza-CE**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. Corpo, lugar, poder e afeto no cinemão: parando para vê-los, parando para ouvi-los. **Revista de Crítica Cultural**, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em: <www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/download/3340/2208> Acesso em: 10 mar. 2018.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos: Conceituação, Investigação, Aquisição de financiamento, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Gabriel Augusto Coelho de Santana: Conceituação, Metodologia, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 18 de agosto de 2021.

Aceito em 14 de maio de 2022.

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, Gabriel Augusto Coelho de Santana